

— Será sempre benvindo. Volte ao nosso setor, quando quiser. Seu concurso ser-nos-á valioso estímulo!...

Não encontrei expressões para corresponder-lhe à generosidade humilde, mas creio que o devoto auxiliador compreendeu-me o olhar de profundo reconhecimento.

E, acompanhando o meu instrutor, de volta à nossa colônia espiritual, reconhei que meu entendimento se dilatava, como se nova fonte de luz me borbulhasse no coração.

## XX

## A d e u s

Esperava a continuidade de meus estudos novos em companhia de Alexandre; todavia, com surpresa, o meu amigo Lírias foi portador de um convite que me destinara o caritativo instrutor. Tratava-se de uma reunião de despedidas.

Li a mensagem pequenina e delicada, erguendo os olhos para o mensageiro.

— Despedidas? — perguntei.

Esclareceu-me Lírias, pressuroso:

— Sim. Alexandre, como acontece a outros orientadores da mesma posição hierárquica, de quando em quando se dirige a planos mais altos, desempenhando tarefas de sublime expressão que nós ainda não podemos compreender. Creio deva partir amanhã, em companhia de alguns mentores que lhe são afins, e deseja apresentar despedidas aos colaboradores e aprendizes, na noite próxima.

— E os trabalhos da Crosta? — indaguei — não é Alexandre um dos instrutores diretos de um dos grandes agrupamentos espiritistas que conhecemos?

O companheiro respondeu com segurança:

— Naturalmente, já foi providenciada a substituição devida, de acordo com o mérito e aproveitamento da instituição a que você se refere.

E sentindo, talvez, a mágoa que me invadira o espírito, Lírias comentou:

— O que lhe posso assegurar é que o venerável orientador não nos esquecerá. Dirigindo-se

a esferas mais altas, a única preocupação dêle será o serviço de Jesus, com o enriquecimento de si mesmo para ser-nos mais útil.

— Entretanto — objetei — far-nos-á muita falta... Sinto que nos deixará em meio da tarefa, quando tanto necessitamos de seu concurso valioso para o aprendizado...

Lísias percebeu a natureza passional de minha ponderação e obtemperou, firme:

— Nada de egoísmo, André! Sabemos que Alexandre se ausentará em serviço, mas ainda mesmo que a sua excursão fôsse muito longa e plenamente consagrada ao repouso recreativo, cabe a nós outros, seus devedores, a participação da alegria de seus elevados merecimentos. E' necessário examinar o bem que ainda se pode fazer, vibrando de júbilo e esperança com as realizações porvindouras, para não sermos indolentes e improdutivos, não devemos, porém, esquecer o bem que se fez ou que recebemos, afim de não sermos ingratos.

Aquela observação teve a virtude de acordar-me a consciência. Coloquei-me no equilíbrio emocional indispensável. Modifiquei a atitude íntima, reagindo contra as primeiras impressões que a notícia me causara.

O amigo bondoso compreendeu, sorriu e acen-tuou:

— Ao demais, não podemos esquecer as obrigações que nos são próprias. O aprendizado, nos cursos diversos em que se apresenta, chega sempre a um fim, embora a sabedoria seja infinita. Precisamos demonstrar aproveitamente prático das lições recebidas. Que melhor testemunho de assimilação poderemos dar ao instrutor amigo que o de receber-lhe o campo de serviço, em que a sua bondade nos iniciou, até que êle volte da provisória excursão?

— E' verdade! — exclamei.

E, reanimado pela palavra esclarecedora do companheiro, conversamos por abençoados minutos,

prometendo-me Lísias regressar ao crepúsculo, afim de seguirmos juntos para a reunião referida.

À noitinha, voltava o prezado companheiro e pusemo-nos a caminho em agradável palestra.

Contemplado de nossa colônia espiritual, o firmamento mostrava-se singularmente belo. Numerosas constelações brilhavam deslumbrantes, e a Lua, muito maior do que ao ser vista da Crosta Planetária, figurava-se mais acolhedora e tranqüila. Distantes do bombardeio dos raios solares, que renovam a vida incessantemente, as flores exalavam delicioso perfume, dançando de mansinho aos sopros do vento leve.

— Muitos aprendizes de Alexandre — comentava Lísias, àlacremente, — virão visitá-lo esta noite. Mantenhamo-nos à altura dos demais, conservando atitudes íntimas de gratidão e serenidade.

Concordava, com esforço, lembrando-me das sublimes lições recebidas. Alexandre sabia fazer-se amar. Superior sem afetação, humilde sem servilismo, orientador sempre disposto, não sómente a ensinar, mas também a aprender, atendia aos elevados encargos que lhe eram atribuídos, sem qualquer desvario do "eu", profundamente interessado em cumprir os desígnios do Pai e em aceitar nossa cooperação singela, aproveitando-a. Em virtude da sua abençoada compreensão, aquèle afastamento, embora temporário, do instrutor, doía-me no espírito.

Nessas disposições íntimas, contra as quais reagia prudentemente, alcançamos o belo edifício residencial onde se reuniria a afetuosa assembléia.

Entramos.

Surpreendeu-me o salão magnificamente iluminado. Não havia luxo decorativo no interior; todavia, o lampadário em forma de estrélas, irradiando claridade azul-brilhante, proporcionava ao ambiente uma expressão de misteriosa beleza, de mistura à elevada espiritualidade. Delicados e simbólicos arabescos de flores naturais adornavam as paredes, dando-nos a impressão de alegria e bem-estar.

Apresentado por Lírias a diversos companheiros, certifiquei-me, depressa, do pequeno número de aprendizes que ali se congregariam. Compareceriam apenas os discípulos de Alexandre, com permanência eventual em nossa colônia, sessenta e oito colegas, inclusive quinze mulheres. Todos os presentes referiam-se ao mentor amoroso com palavras encomiásticas. Éramos todos nós grandes devedores ao seu coração.

Verificada a presença de todos os convidados, veio até nós o benévolo instrutor, dividindo o carinho de suas saudações com cada um, sem desperdício de atitudes exteriores. Era o mesmo Alexandre, admirável e simples. Irmulado conosco, deixando-nos inteiramente à vontade, entendeu-se com todos nós, individualmente, a respeito das nossas tarefas, estudos, realizações. Em seguida, com toda a naturalidade, começou a falar-nos, em tom paternal:

— Sabem vocês o objetivo da presente reunião. Quero apresentar-lhes minhas despedidas, em virtude da ausência temporária a que sou compelido por elevadas razões de serviço.

Notei pelo olhar dos circunstantes que a maioria partilhava comigo o mesmo desgosto. Devíamos intensamente àquele espírito sábio e benevolente.

Depois de pequena pausa, continuou:

— Conheço a pureza do amor que vocês me dedicam e estou certo de que não ignoram a extensão da estima que lhes consagro. É natural. Somos amigos na mesma emprésa do bem e associados felizes na execução da Divina Vontade. Companheiros de luta edificante, pesar-nos-ia, sobremaneira, a separação de agora, não obstante efêmera, se não guardássemos no âmago dalma a luz do esclarecimento.

Nesso ponto, Alexandre fez longo intervalo, descansando seus olhos nos nossos, como a perscrutar-nos o íntimo, e prosseguiu:

— Alguns colaboradores, a quem muito devo,

endereçaram-me apelos para que permaneça em nossa colônia de trabalho, gentileza que agradeço, comovido. Não vibra em minhas palavras qualquer prurido de personalidade, mas a estima recíproca e fiel a que nos devotamos. Urge considerar, porém, meus amigos, que este servo humilde não deve absorver o lugar que Jesus deve ocupar em suas vidas. É muito difícil descobrir o amor sem jaça e a él nos entregarmos sem reservas. E porque essa dificuldade é flagrante em todos os caminhos de nossa evolução, quase sempre incidimos no velho êrro da idolatria. É bem verdade que nos encontramos numa assembleia de corações simples e amigos, e que não cabem nesta sala vastas e maciças considerações filosóficas, para restringirmo-nos ao abençoado setor do sentimento. Mas, não posso ver fugir a oportunidade de sérias reflexões em torno do problema dos laços sagrados que nos unem, sem algemar-nos uns aos outros. Nossa estrada de aperfeiçoamento, bem como a senda de progresso da Humanidade terrestre, em geral, têm sido tortuoso caminho no qual pisamos sobre os ídolos quebrados. Sucedem-se nossas reencarnações e as civilizações repetem o curso em longas espirais de recapitulação, porque temos sido invigilantes, quanto aos caminhos retos.

Verificando-se nova pausa, em sua afetuosa e significativa exposição, observei que profundo respeito nos identificava a todos, em face da palavra venerável.

— Temos criado muitos deuses à parte — continuou o instrutor, comovido — para destruí-los, muita vez, em profundo desespérô do coração, quando a realidade nos dilata a visão, ante o horizonte infinito da vida. Na procura de conforto individual, em face de problemas graves de nossa vida, raramente encontramos a solução e, sim, a fuga, somos capazes, para adiar indefinidamente a ação imprescindível da corrigenda ou do resgate. Virá,

porém, o dia de restauração da verdade, o momento de nosso testemunho pessoal.

Ele pousou em nós o olhar muito lúcido, onde viam os reflexo de serena emotividade, e, depois de longa pausa, retomou as elucidações das despedidas.

— E' por isso, meus amigos — prosseguiu, em tom fraterno — que o orientador consciente de sua tarefa não pode fugir aos imperativos da evolução de seus tutelados. De quando em quando, é necessário deixar o discípulo entregue a si mesmo, ainda que as mais belas notas de carinho nos sugiram o contrário. Junto do instrutor, o aprendiz, quase sempre, apenas observa. A distância, porém, experimenta e age, vivendo o que aprendeu. E' indispensável desenvolver os valores ilimitados, inerentes a cada um de nós, guardados como divina herança no potencial de nosso mundo íntimo. A proteção inconsciente, que subtrai o protegido ao clima da edificação que lhe é própria, elimina os germens do progresso, da elevação, do resgate individual. Estabelecer a dependência dessa ordem é criar o cativeiro do espírito, que anula nossa capacidade de improvisação e estimula os vícios do pensamento. Fujamos ao condenável sistema de adoração recíproca, em que a falsa ternura opera a cegueira do sentimento. Respeitemo-nos mutuamente, na qualidade de irmãos congregados para a mesma obra do bem e da verdade, mas combatemos a idolatria; bem-queiramo-nos uns aos outros, como Jesus nos amou; todavia, cooperemos contra a insuflação do exclusivismo destruidor. Somos depositários de grandes lições da vida superior. Pô-las em prática, estendendo mãos amigas aos nossos semelhantes, é o nosso objetivo fundamental. Cada um de vocês tem obrigações em separado, nos setores diferentes da atividade espiritual. Durante alguns meses, estivemos quase sempre juntos, quando a oportunidade permitia. Associados na mesma experiência, criamos laços santificados de amor que

nos identificam uns aos outros. Não podemos, porém, descansar sobre as comodidades do afeto. É preciso enfrentar as asperezas do serviço, conhecer a luta, testemunhar aproveitamento. Nunca me valeria da qualidade de instrutor para impedir o crescimento mental de vocês. A Terra, que nos é mãe comum, reclama filhos esclarecidos que colaborem na divina tarefa de redenção planetária. Há multidões, por toda parte, escravas do bem-estar e da miséria, da alegria e do sofrimento, estranhas ao caráter temporário das condições em que se agitam. Todos vivem, mas raros espíritos de nosso mundo tomaram posse da vida eterna. O campo de trabalho é vastíssimo. Experimentem nêle o que aprenderam, despertando as consciências que dormem ao longo do caminho. O aprendizado fornece-nos conhecimento. A vida oferece-nos a prática. Unamos a sabedoria com o amor, na atividade de cada dia, e descobriremos a divindade que palpita dentro de nós, glorificando a Terra que aguarda nosso concurso eficiente, pelo equilíbrio e compreensão. Não faltam instrutores benevolentes e generosos e, além disso, vocês devem aplicar as lições que receberam, orientando, igualmente, o próximo em luta e os companheiros ainda frágeis. Só as vitimas voluntárias da idolatria convertem a ausência num vácuo. Não, meus amigos, não alimentemos qualquer processo doloroso de saudade sem otimismo e sem esperança. Imenso futuro de realizações sublimes com o Pai espera cada um de nós. Edifiquemo-nos, aceitando as experiências construtivas que nos convocam o esforço à possibilidade maior. Estimo profundamente a consolação individual, mas acima de nosso confôrto, devemos procurar a liberação com o Cristo.

Incontestavelmente, a preleção era vazada em severidade afetuosa, que, no momento, não nos sabia bem ao coração, habituado às expressões de incessante carinho, mas tinha a virtude de acordar-nos para a verdade, chamando-nos a uma ati-

tude de legítimo entendimento. Ainda aí, numa simples reunião de despedidas, Alexandre sabia ser grande e generoso, impondo-nos um equilíbrio que, de outro modo, não saberíamos conservar. Embora a compreensão, porém, tinhamos os olhos úmidos. A separação dos bons, não obstante temporária, é sempre dolorosa. Na companhia dêle, havíamos aprendido sublimes ensinamentos. Forte e sábio, carinhoso e enérgico, exercitara-nos as asas frágeis nos grandes vôos de novos conhecimentos. Comparando nossa situação anterior à presente, observávamo evidentemente melhoria geral. Como não lhe dever, a ele, abençoado amigo de tôdas as horas, ilimitados testemunhos de amor?

Creio que a maioria partilhava os meus pensamentos, porque Alexandre, dando a idéia de que nos ouvia as reflexões mais íntimas, acrescentou:

— Devemos ao Cristo-Jesus tôdas as graças! Ele é o Divino Intermediário entre o Pai e nós outros. Saibamos agradecer ao Mestre as bênçãos, as lições, as tarefas. O espírito de gratidão, ao Senhor, alegra a vida e valoriza o trabalho dos servos fiéis!...

Em seguida, o instrutor levantou-se e, sorridente, abraçou cada um de nós, dirigindo-nos palavras de incitamento ao bem e à verdade, enchendo-nos de coragem e fé.

Equilibrados pela sua palavra esclarecida, os aprendizes não ousaram pronunciar qualquer exclamação, filha da ternura indiscreta. Estábamos todos edificados, em posição serena e digna.

Epaminondas, o discípulo mais respeitável de nosso círculo, tomou a palavra e agradeceu, sóbriamente, estampando nas afirmativas nossos sentimentos mais nobres e endereçando ao instrutor amigo nossos ardentes votos de paz e êxito, na continuidade de seus trabalhos gloriosos.

Vimos que Alexandre recebia nossas vibrações de amor e reconhecimento em meio de profunda

emoção. Sua fronte venerável emitia sublimes irradiações de luz.

Terminada a breve saudação do companheiro, pronunciou algumas frases de agradecimento, que não merecíamos, e falou:

— Agora, meus amigos, elevemos ao Cristo nossos pensamentos de júbilo e gratidão, consagrando-lhe as inesquecíveis emoções de nosso adeus.

Manteve-se de pé, cercado de intensa luz safirino-brilhante, e, de olhos erguidos para o alto, estendeu os braços como se conversasse com o Mestre presente, embora invisível, orando com infinita beleza:

*Senhor, sejam para o teu coração misericordioso  
Tôdas as nossas alegrias, esperança e aspirações!  
Ensina-nos a executar teus propósitos desconhecidos,  
Abre-nos as portas de ouro das oportunidades do serviço  
E ajuda-nos a compreender a tua vontade!...  
Seja o nosso trabalho a oficina sagrada de bênçãos  
[infinitas,*

*Converte-nos as dificuldades em estímulos santos,  
Transforma os obstáculos da senda em renovadas lições...  
Em teu nome,*

*Semearemos o bem onde surjam espinhos do mal,  
Acenderemos tua luz onde a treva demore,  
Verteremos o bálsamo do teu amor onde corra o pranto do sofrimento,  
Proclamaremos tua bênção onde haja condenações,  
Desfraldaremos tua bandeira de paz junto às guerras  
[do ódio!*

*Senhor,  
Dá que possamos servir-te,  
Com a fidelidade com que nos amas,  
E perdoa nossas fragilidades e vacilações na execução  
[de tua obra.*

*Fortifica-nos o coração  
 Para que o passado não nos perturbe e o futuro não  
                                  [nos inquiete,  
 Ajim de que possamos honrar-te a confiança no dia  
                                  [de hoje,  
 Que nos deste  
 Para a renovação permanente até à vitória final.  
 Somos tutelados na Terra,  
 Confundidos na lembrança  
 De erros milenários,  
 Mas queremos, agora,  
 Com todas as forças d' alma,  
 Nossa libertação em teu amor para sempre!  
 Arranca-nos do coração as raízes do mal,  
 Liberta-nos dos desejos inferiores,  
 Dissipa as sombras que nos obscurecem a visão de teu  
                                  [plano divino  
 E ampara-nos para que sejamos  
 Servos leais de tua infinita sabedoria!  
 Dá-nos o equilíbrio de tua lei,  
 Apaga o incêndio das paixões que, por vezes,  
 Irrompe, ainda,  
 No âmago de nossos sentimentos,  
 Ameaçando-nos a construção da espiritualidade superior.  
 Conserva-nos em tua inspiração redentora,  
 No ilimitado amor que nos reservaste  
 E que, integrados no teu trabalho de aperfeiçoamento  
                                  [incessante,  
 Possamos atender-te os sublimes designios,  
 Em todos os momentos,  
 Convertendo-nos em servidores fiéis de tua luz, para  
                                  [sempre!  
 Assim seja.*

A comovedora prece de Alexandre fôra a última nota do maravilhoso adeus.

Saímos. Em torno, as flores exalavam agradabilíssimo perfume, à luz prateada da noite. E, ao longe, no alto dos céus, brilhavam os astros, como fulgurantes corações de luz, em praias distantes do Universo, imantados, como nós, uns aos outros, à procura das alegrias supremas da união com a Divindade.

FIM

**NOTA DA EDITORA**

Além desta obra, já editamos,  
 do mesmo autor — André Luiz:  
 “Nosso Lar” e  
 “Os Mensageiros”.